

PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Milton Francisco da Silva
UFAC
miltonchico@yahoo.com.br

Queremos argumentar que a Análise Crítica do Discurso (ACD) pode oferecer contribuições teóricas relevantes para os estudos das práticas de leitura e de escrita, escolares ou não. Para tanto, mobilizamos, especialmente a partir de Fairclough (2003), alguns conceitos caros à ACD: estruturas, práticas e eventos sociais. As estruturas sociais são abstratas e ocorrem como um conjunto de possibilidades disponíveis à ação dos sujeitos; são sistemas sociais, entre eles, o político, o econômico, o educacional, o artístico. Em grande medida, as estruturas orientam e determinam a realização dos eventos sociais, que são flexíveis, concretos e singulares. Exemplo de eventos são: a leitura de uma notícia, de um romance ou de um *outdoor*, a escrita de um poema ou uma carta do leitor para um jornal – quer se realizem no espaço escolar, como prática pedagógica, quer se realizem fora da escola, por exemplo, como exercício de cidadania ou como deleite dos estudantes. De cada evento, faz parte um texto específico: enunciado, em termos bakhtinianos. Entre as estruturas e os eventos existem as práticas sociais, que são em parte flexíveis e abstratas, e são, também, formas de controlar a seleção de certas possibilidades estruturais a fim de concretizar eventos específicos. Assim, intermediando estruturas e eventos, as práticas também são orientadoras dos eventos. Nesse sentido, o estudante, assim como o cidadão em geral, necessita ter competência no uso das práticas de que participa, a fim de realizar e participar de eventos específicos com êxito. Às vezes, a prática diz respeito à leitura, às vezes, à escrita. Em linhas gerais, cabe à escola dar essa competência à criança e ao jovem, especialmente no que tange àqueles gêneros discursivos vinculados a cada nível de ensino. Uma questão teórica importante é que as práticas compõem-se de vários elementos: sujeitos, vozes e relações sociais, ação e interação, gêneros discursivos, língua, formas de consciência, instituições, valores sociais e culturais, crenças, atitudes, histórias, identidades, atividades produtivas, meios de produção, instrumentos, mundo material, contextos históricos, tempo, lugar, discurso (FAIRCLOUGH, 2003). Por causa dessa multiplicidade, muitos desses elementos são “sintetizados” em alguns outros e podem ser tomados como nucleares, entre eles, os sujeitos, as relações sociais, os gêneros, o discurso. Considerando esses elementos nucleares, postulamos que, num evento leitura de notícia, o leitor, estudante ou não, realiza, de forma intuitiva e inconsciente, uma série de reflexões formadoras do seu “mundo leitor”, a saber: (i) quem é (ou deve ser) o sujeito leitor e seu comportamento diante da notícia, isto é, que relações sociais ele deve ter com o (e partir do) assunto noticiado; (ii) como se constituem os sujeitos integrantes da notícia e quais as relações dialógicas estabelecidas entre si; (iii) que vozes, atitudes e valores sociais e culturais são evidenciados na notícia, e como esses se relacionam com os valores do leitor; (iv) em que contexto a notícia é produzida e publicada, e a que contexto(s) histórico(s) ela faz referência; (v) como se organizam os elementos verbais e não verbais da notícia, e que propósitos, para além de informar, evidenciam-se; (vi) de que modo a notícia, para além do

discurso jornalístico, possivelmente recontextualiza outros discursos, por exemplo, político, econômico, jurídico, artístico, policial/militar. Essas são algumas reflexões gerais que, quase sempre inconscientemente, fazemos ao participar de um evento social leitura de notícia, no espaço escolar ou não. São reflexões que o professor pode provocar nos seus alunos. A nosso ver, se o estudante as realiza, ele está fazendo uma leitura crítica, está se construindo como cidadão, está criando bases intelectuais para modificar a sociedade para melhor. Aqui, retomamos um ponto teórico importante: ao mesmo tempo em que estruturas e práticas determinam a realização dos eventos sociais, esses podem provocar modificações, embora sutis, nas práticas e nas estruturas, isto é, as estruturas não são estáveis, elas são parcialmente modificadas ao longo do tempo. A sociedade pode ser modificada e melhorada mediante as ações discursivas e não discursivas das pessoas (FAIRCLOUGH, 2003; VAN DIJK, 2010) – e ações discursivas implicam produção de novos textos, falados ou escritos. Exemplo disso seria, diante da notícia lida, uma resposta, em forma de áudio, que pode ser postado nas redes sociais ou enviado a uma rádio, ou em forma de carta do leitor, a ser enviada à redação do jornal que publicou a notícia. Parece-nos muito interessante que os estudantes tenham consciência dessas ações, que podem ser adquiridas na escola quando se dedicam à leitura e à escrita de diferentes gêneros, pertinentes para uma atuação exitosa na vida social. Essa seria uma forma de populações marginalizadas – crianças, jovens e adultos – adquirirem empoderamento e alcançarem significativa emancipação intelectual, na perspectiva, por exemplo, de Antonio Gramsci (1984).

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso; práticas sociais; leitura e escrita.

Referências

- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Oxon / New York: Routledge, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. Tradução Judith Hoffnagel *et al.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.